

ISSN 2236-0476

A ARTE DA PINTURA COM TERRA EM COMUNIDADES RURAIS DO CARIRI: DIALOGANDO SOBRE AS POTENCIALIDADES DO SOLO

Adriana de Fátima Meira Vital¹; Darlan de Araújo Ramos², Maria Helena da Silva de Sousa³,
Everton de Oliveira Teixeira⁴; Jaceny Batista da Silva⁵; Ozélio de Almeida Arruda⁶, Maria
Edinalva Ferreira Mota⁷

¹Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – PB, vital.adriana@hotmail.com

²Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – PB, darlanufcg@gmail.com

³Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – PB, hellena_ccb49@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – PB, evertonbans@gmail.com

⁵Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – PB, jacenybatista@gmail.com

⁶Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – PB, ozelioalmeida@hotmail.com

⁷Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – PB, edinalvamota@hotmail.com

Introdução

É notória a compreensão de que o meio rural está associado à Natureza, surgindo no imaginário coletivo como espaço no qual o homem está em contato direto com o meio ambiente, percebendo suas potencialidades e fragilidades. Contudo, há uma enorme lacuna com relação aos conceitos gerados na Academia e demais espaços de construção do conhecimento e o mundo rural, que carece de informações técnicas sobre o uso e manejo sustentáveis dos recursos naturais, especialmente o solo, cujo desconhecimento e desvalorização trazem como consequência o avanço da degradação Lima; Lima e Melo (2007).

Conhecer é essencial para a mudança de posturas e valores. Assim, o entendimento de que a Terra é nossa casa comum e o solo é a pele da Terra deve ser ampliado para que as pessoas façam uma nova leitura deste recurso natural de maneira a contribuir para o estabelecimento da harmonia ambiental, base para a sustentabilidade planetária.

ISSN 2236-0476

É nesse contexto e numa perspectiva holística de identificação do homem com a terra que a Etnopedologia estuda o entendimento que o povo tem acerca dos recursos do solo, a partir de seus conhecimentos sobre a natureza, além de resgatar o sentimento de pertencimento, respeito e afetividade das pessoas pela terra, estabelecendo uma espécie de "consciência pedológica" (MUGGLER; PINTO SOBRINHO e MACHADO, 2005).

O conhecimento e a compreensão integrada dos diversos aspectos do meio ambiente, em particular do solo, é importante na medida em que instrumentalizam as pessoas na análise, compreensão e possível intervenção na busca de soluções para os problemas de degradação, contaminação e poluição dos solos que se agigantam.

Dentre as diversas potencialidades do solo, no contexto do saber-fazer das comunidades rurais, a pintura com terra situa-se como das mais antigas, juntamente com a confecção das loiças de barro.

No processo de desenvolvimento a técnica, que tem na terra a matéria-prima principal, evoluiu e ganhou espaço na pintura de casas em comunidades rurais e, mais recentemente, nas artes plásticas. Essa técnica tem sido trabalhada pelo Departamento de Solos da Universidade Federal de Viçosa – UFV, sob a coordenação do professor Anor Fiorni e vem sendo executada dentro dos princípios da bioarquitetura, bioconstrução e Agroecologia.

Este processo, de baixo custo e impacto ambiental mínimo, compreende produtos, técnicas e metodologias que visam a transformação social, favorecendo a organização das comunidades, desenvolvendo a criatividade e ocasionando a melhoria da autoestima dos envolvidos, além de proporcionar alternativa de renda.

O Programa de Ações Sustentáveis para o Cariri – Pascar, no eixo Educação em Solos vem sendo trabalhado junto aos agricultores familiares do Cariri paraibano a valorização do solo, utilizando-se métodos participativos apoiados na dialogicidade, nas vivências cotidianas e no saber-fazer dos agricultores. Em palestras educativas, atividades lúdicas e trabalhos coletivos, os acadêmicos-extensionistas instigam esses atores a questionar, elaborar

ISSN 2236-0476

respostas, manusear amostras e perceber a presença e a importância do solo, procurando despertar o interesse e a sensibilização para com este recurso natural.

Material e Métodos

As palestras e atividades de pintura com terra foram realizadas nas comunidades rurais Salão e Cantinho, em Serra Branca - PB. Inicialmente foram apresentadas palestras sobre solos, abordando da formação às potencialidades. Nesses momentos buscou-se fazer interagir os membros do Pascar com a coletividade de agricultores, ouvindo-lhes as opiniões e questionamentos. Há sempre um momento de reflexão nessas ocasiões em que o povo do campo se sente agraciado com a presença de estudantes e compartilham suas dificuldades e seus saberes.

Figura 01. Agricultor participa da palestras (A) e montagem do stand para prática (B).



A



B

Fonte: Adriana Vital, 2012.

ISSN 2236-0476

As palestras abordavam da gênese e morfologia dos solos aos problemas de degradação e práticas de conservação dos solos. Ao final das palestras os presentes eram convidados a participar da experiência de pintura com tinta de terra.

Inicialmente a equipe de coleta do solo entrava em campo: a coleta do solo era feita em barranco existente nas proximidades da comunidade, e na ocasião as orientações sobre o ambiente adequado para efetuar a tarefa eram passadas, enfatizando-se a necessidade do cuidado ambiental, de maneira a evitar processos de degradação.

Após a escolha do local e da cor para a pintura efetuava-se a coleta. A seguir o solo era destorroado usando um cepo de madeira e peneirado em peneira doméstica, de modo a obter um material bastante homogêneo e de textura fina. O solo era disposto em baldes e os demais materiais eram trazidos para o ambiente a ser pintado (cola, água, peneiras, colher de madeira) e a vivência tinha início despertando o interesse de todos os presentes.

No preparo da tinta foram usados aproximadamente dez litros de água, seis quilos de terra e um três quilos de cola branca (a proporção é de acordo com a textura do solo), material suficiente para pintar meia parede ao longo de toda a escola e da sede da associação rural. Informações sobre a textura do solo se faziam presentes de maneira a que os presentes compreendessem a necessidade de adicionar mais ou menos água à prática.

A mistura era então homogeneizada de forma a obter uma massa líquida, de consistência de creme. Usou-se para tal uma colher de pau e as próprias mãos. Mexer a mistura com as mãos faz aproximar as pessoas da atividade e favorece as conversas e as lembranças infantis, do tempo em que as brincadeiras com barro eram presentes. A tarefa de pintura com terra é artesanal e o lúdico se faz presente. Os agricultores participaram de todas as etapas, com bastante interesse e motivação, pois a intenção é proporcionar ao grupo a oportunidade da experimentação.

Todos os presentes quiseram experimentar a tintura nas paredes: homens e mulheres, crianças, jovens e adultos empunharam os pinceis e rolos para verificar a experiência inovadora da pintura com terra. Os olhares de interesse, desconfiança e admiração eram

ISSN 2236-0476

comuns. Após a tinta secar foi realizada a segunda demão e a finalização dos acertos da pintura (rodapés e cantos).

Resultados e Discussão

Participar das palestras sobre solos e da vivência de pintura com terra foi uma experiência bastante significativa para as comunidades rurais.

A presença da maioria dos associados na palestra evidenciou sua disposição em ouvir as informações trazidas e aprender mais. O espaço aberto ao diálogo permitiu que o público alvo socializassem com os membros do Pascar suas dificuldades, suas dúvidas e suas desconfianças. O distanciamento do mundo rural dos demais órgãos também foi evidenciado nas falas dos presentes.

A vivência de pintura com terra ocorreu em clima de muita animação, deslumbramento e atenção por parte dos agricultores. Indiscutivelmente a prática despertou a curiosidade de todos, que buscaram participar de todas as etapas da preparação da tinta de terra. Todos queriam colocar a ‘mão na terra’ e se revezavam alegremente para contribuir com o trabalho.

Durante a prática eram lembradas informações passadas na palestra sobre tipos de solo, textura, cor, além de serem trabalhados valores como respeito, afetividade e reverência pela Terra e por suas manifestações de vida. A experiência inovadora promoveu um sentimento de pertencimento daqueles que tem no campo sua base de vida. Esse sentimento era extravasado nos olhares, nos sorrisos e nas conversas, sobretudo pela possibilidade de se agregar valor às peças com geração de trabalho e renda, da promoção da autoestima e da valorização do povo do campo, além de que trazer aos atores sociais a preocupação com o recurso solos e, assim, a conservação do meio ambiente.

Como tecnologia social inovadora na região, a tinta de terra pode vir a ser o diferencial nas atividades do Programa de Ações Sustentáveis para o Cariri. Além das vantagens de não agredir a natureza, ser antialérgica, não possuir cheiro, é absolutamente

ISSN 2236-0476

acessível à população de baixa renda. Esses aspectos a inserem no contexto da Agroecologia. A intenção é disseminar a apropriação da técnica, oferecendo a quem precisa a oportunidade de obter um produto a baixo custo.

Figura 02. Mutirão de pintura com tinta de terra (A) Sítio Salão (B) Sítio Cantinho.



A



B

Fonte: Adriana Vital, 2012.

Por outro lado essa ação extensionistas aproxima os acadêmicos da realidade além dos muros da Academia, permitindo-lhes disseminar os conceitos e conhecimentos apreendidos em sala, além de possibilitar vivenciarem a realidade que haverão de encontrar quando concluírem sua graduação.

Conclusões

O ambiente da associação é o espaço adequado para compartilhar os problemas que a comunidade percebe na condução de suas atividades e no momento das palestras isso ficou bastante evidente. As informações sobre uso e manejo sustentáveis do solo foram compartilhadas com os saberes e experiências próprias de cada um. A experiência foi bastante enriquecedora para a equipe do Pascal.

ISSN 2236-0476

Com relação a vivência de pintura com tinta de terra, por ser uma inovação que pretende valorizar o recurso natural solo e resgatar a autoestima do povo do campo, além de possibilitar a oportunidade de geração de renda, foi muito bem aceita nas comunidades onde o projeto se fez presente.

As amostras das várias cores do solo foram um atrativo a mais na vivência. Os agricultores viram que as tintas feitas com terra permitem uma pintura com texturas e cores originais e podem ser utilizadas tanto nas paredes internas quanto nas fachadas.

A atividade foi um momento de aprendizado coletivo, de troca de saberes, de compartilhamento de informações, de entusiasmo e alegria, mas, sobretudo, de identificação do povo do campo com o elemento natural com o qual estão acostumados a trabalhar e que nem sempre dedica o valor merecido: o solo.

A experiência aponta para que sejam ampliadas as ações com pintura de terra como estratégia para valorização, conservação e proteção dos solos. Por fim a intenção da vivência foi de aproximar as pessoas das comunidades rurais da terra percebendo mais suas texturas, cores e potencialidades, criando assim uma nova relação com este recurso natural, ao tempo em que aproximava as pessoas umas das outras de forma colaborativa e num momento de afetividade e respeito pela criação e criatura!

Agradecimentos

Aos agricultores dos sítios Salão e Cantinho (Serra Branca – PB) pela acolhida em suas associações, por compartilhar saberes e pelo entusiasmo na vivência de pintura com terra.

Referências bibliográficas

ALVES, A.G.C.; MARQUES, J.G.W. Etnopedologia: uma nova disciplina? **Tópicos em Ciência do Solo**. V. 4, p 321-344, 2005.

ISSN 2236-0476

FIORINI, A. de C.; HONÓRIO, L. de M.; ALMEIDA, M. R. de.; SANTOS, P. C. dos.; QUIRINO, P. E. **Cores da Terra: fazendo tinta com terra.** Universidade Federal de Viçosa – Departamento de Solos. Viçosa, MG, 2007. 14 pg. Disponível em <http://www.ige.unicamp.br/pedologia/apostila%20pintar%20com%20solo.pdf>.

LIMA, V.C., LIMA, M. R., MELO, V. F. (Orgs.). **O solo no meio ambiente: abordagem para professores do ensino fundamental e médio e alunos do ensino médio.** Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

MUGGLER, C. C.; PINTO SOBRINHO, F. de A.; MACHADO, V. A.. Educação em solos: princípios, teoria e métodos. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, Viçosa, v. 30, n. 4. P.733-740, 2006.